A ficção Norte-Americana de Eastlake

Eloina Prati dos Santos

Em quase quarenta anos de carreira literária, William Eastlake (n. 1917) parece ter atraído poucos críticos sensíveis e leitores apenas nos círculos acadêmicos. A reação à sua obra vai de uma recepção morna da trilogia sobre o sudoeste norte americano como "diferente e divertida," à complexidade total ante uma sensibilidade paradoxal representada por uma mistura de aspirações conservadoras e técnicas vanguardistas.

Sua reputação literária sofreu desde cedo com críticas equivocadas que estabeleceram limites de significado para seus romances, deixando inapreciados aspectos importantes e gerando concepções errôneas responsáveis pelo status menor de sua ficção no panorama das letras dos Estados Unidos.

Eastlake escreveu dois romances surrealistas sobre sua experiência como soldado ferido em combate na França durante a II Guerra e como correspondente no Vietnã e também uma farsa sobre a Revolução que levou os Estados Unidos à independência. Mesmo assim, rotulado de regionalista, embora sua ficção sobre o sudoeste seja justamente uma reação contra os estereótipos criados pelo romance de aventura e pelo filme hollywoodiano, Eastlake permaneceu um fenômeno isolado na cena literária dos Estados Unidos até a ficção pós-moderna se tornar popular na década de setenta.

Nascido em Brooklyn, Nova Iorque, Eastlake perambulou por boa parte do território dos Estados Unidos da América e do continente Europeu, mas foi encontrar terra fértil para sua imaginação disposta a "recriar" a realidade norte-americana no sudoeste do país. Vivendo em um rancho próximo às reservas Navajo e Apache do noroeste do estado do Novo México, ele criou a Area Checkerboard, uma versão "western" da Nação Yoknapawtapha de Faulkner e da Macondo de García Marquez — uma terra e um povo mais reais e mais mágicos do que os arquétipos estampados na consciência nacional norte-americana.

Dancers in the scalp house (1975) é o quarto livro de Eastlake sobre a Checkerboard Area, consagrada em sua trilogia inicial. Voltando ao tema depois de narrar os horrores do Vietnã, tanto suas descrições líricas da região quanto seu humor mordaz estão em plena forma, mas o tom da narrativa passa a ser de urgência. Logo o que resta da Nação Indígena estará definitivamente sepultado sob as águas da Barragem Atlas. A paranóia e a histeria dominam os personagens desse romance apocalíptico. As caricaturas do homem branco são mais selvagens do que na trilogia e os ataques aos valores cristão-capitalistas da sociedade norte-americana traduzem-se em uma insanidade geral e desenfreada. Os índios, ameaçados de extinção juntamente com a águia e o coiote, não conseguem manter

sua posição de expectadores críticos desses brancos estapafúrdios, nem a confiança em seu humor como uma arma de sobrevivência é eficaz. Os índios recorrem à violência explícita e o inimigo branco" acaba, embora sempre de forma ridícula, seriamente ferido ou morto. O futuro do país — o índio, a mulher, o jovem e o poeta, na visão romanceada de Eastlake — está enlouquecendo, cometendo suicídio ou se afogando no mar artificial da barragem.

Os personagens brancos aparecem como caricaturas unidimensionais de estupidez e ridículo além dos limites da trilogia e mais ligados às extravagâncias dos romances de guerra. Eles formam grupos de conhecidos alvos eastlakianos: o militar, o político, o latifundiário, o empresário corrupto, o fanático religioso, o intelectual idiossincrático, o branco pobre e oprimido pela retórica do branco poderoso. Os índios não se venderam aos estereótipos criados para eles. Eles triunfam de forma convincente e hilária sobre os mitos criados sobre eles. Por reconhecê-los e entendê-los, os índios podem brincar com os arquétipos, virá-los do avesso e usá-los defensivamente contra o homem branco invasor da reserva. Sua superioridade reside em um humor mordaz e uma observação cortante das "maneiras" brancas. Além disso, Eastlake permite a raros personagens brancos a dignidade que empresta a seus índios.

A estrutura de *Dancers* é fragmentária pois, em toda a sua obra, Eastlake favorece os pequenos contos e anedotas em prejuízo da linearidade. Nesse romance a ligação entre os vários episódios é contruída por duas ameaças, a da inundação iminente e a da explosão de uma bomba atômica desenvolvida por um índio que frequentou Los Alamos. Tanto a tensa expectativa quanto o humor negro debatem-se entre dois possíveis finais para a cultura indígena: uma inundação bíblica ou um holocausto nuclear.

Os índios, reduzidos a um pequeno número de bravos representantes, como a águia e o coioote, atuam por toda a Checkerboard: na escola, recebendo lições da fogosa professora branca de cabelos vermelhos e seios empinados, atacando o helicóptero que persegue a águia, desviando a rota dos carros participantes do Último Tiro ao Coioote, ateando fogo ao ônibus-safari, derrubando um enorme outdoor da playboy para que o traseiro ondulante da modelo não encubra a visão das montanhas, irrompendo com seu humor provocativo nas dependências da Usina Quatro Cantos e do Projeto Imobiliário de Volta a Deus.

Eastlake exhibe com prazer uma incrível pirotecnia lingüística. Ela não funciona como mero jogo de palavras, mas instrumento de seu desejo de escapar ao desgastado sistema lingüístico do homem branco cristão ocidental, refletor de grande parte da estupidez e da banalidade da vida contemporânea pelas quais também é responsável.

DANÇANDO NA CASA DO ESCALPO¹

A águia que tinha de ser morta, Sol, empoleirava-se como uma águia em seu ninho-trono. Um rei, um guardião das cem milhas quadradas da Nação Indígena, um árbitro, um júri e um juiz, um relógio de sombra que havia medido o tempo por dois mil anos em lentos círculos de sombra e agora, então a terra, os índios, o lugar, esta terra extraordinária brevemente sob um novo mar morto, ficaria sem reconhecimento, certamente sem a serena imponência de sol, sem, e este que é nosso epitáfio e arauto, sem o ouro do silêncio, a longa sombra solitária sob a asa silenciosa substituída brevemente por um mar morto, agora pelo whack-whack-whack da lata, movendo-se com um andar aleijado de caranguejo — a doce canção do homem em bote desajeitado doido metálico e torto, aproximando-se de sol.

Sol olhava suas aguietas no ninho. A coisa a fazer era planar para longe do pássaro doido, para longe do ninho. Lutar em algum outro lugar. Se ele pudesse se enredar nas asas do pássaro doido isto seria o fim do pássaro doido e o fim de Sol. Sol deixou seu ninho sem movimento, nem abrupto nem mesmo peremptório, mas como se um rolo de filme, cortado, prosseguisse para uma cena diferente. O pássaro Sol, a águia, o grande planador dourado se movimentava pelas remotas escarpas púrpura, nutrido pelo vento, firme, sem bater de asas, em encantamento silencioso, mortal, parecendo, em funérea magnificência, ascender em ventos invisíveis em direção ao outro sol.

"Se ele subir, subiremos com ele Drago. Ele por certo vai ficar sem correntes de ar ascendentes."

Wilson Drago correu a porta do seu lado e mudou a Harrington e Richardson automática para a posição de disparar.

"A que altura essa coisa sobe, Senhor?"

"Dez mil pés."

"O pássaro pode subir mais alto do que isso."

"No entanto ele tem que descer, Drago."

"Quanto combustível temos?"

"Cinquenta galões."

"O que estamos consumindo?"

"Um galão por minuto."

"Tento um tiro?"

"Sim."

¹ EASTLAKE, William. *Dancers in the scalp house*. New York, Viking Press, 1975. p. 19-28. (Fragmento do segundo capítulo).

Tradução: Eloina Prati dos Santos.

Sol espiralava para cima em círculos fechados, em uma boa corrente de ar ascendente, quando as pelotas de chumbo o atingiram. Elas o atingiram como uma chuva suave que lhe deu um repentino impulso. Sol estava fora de alcance. Tanto o helicóptero quanto Sol estavam espiralando para cima. O helicóptero estava ganhando.

"Tento outro tiro?"

"Sim."

Desta vez as pelotas de chumbo atingiram Sol como pregos duros e o inclinaram em um ângulo insensato, como um grande navio aderna com uma súbita rajada de vento. Sol ainda estava fora de alcance.

Agora a corrente de ar cessou, sucumbiu debaixo de Sol abruptamente e o helicóptero diminuiu a distância até que Ira Osmum e Wilson Drago estivessem a seu lado e olhando dentro de pequenos olhos amarelos enquanto o grande navio voador Sol navegava e descia céu azul profundo adentro.

"Tento outro tiro?"

"Sim."

Wilson Drago levantou o rifle Harrington e Richardson e enfiou uma cápsula para dentro com uma batida sólida. Ele quase podia tocar Sol com o cano. A rápida nave Sol seguia navegando como se esperando os disparos da arma calibre doze que o levaria para baixo — para o solo do planeta.

"Agora, Drago."

Mas a nave-pássaro deslizante havia desaparecido — fechara suas enormes asa-velas e disparara para baixo até quase tocar o solo, quando desfraldou suas enormes asas-vela e deslizou sobre a superfície da terra — da Nação Indígena.

Abaixo veio o helicóptero em perseguição ágil.

Lá estavam os índios todos em fila.

"Não atirem, homens," Mary-Forge gritou, até que Sol tenha passado."

Enquanto Sol voava em direção aos índios, a sombra de Sol vinha primeiro, ensombrecendo a cada índio em separado. Agora veio o veloz Sol e cada índio montado levantou seu rifle em saudação. Novamente, em separado, na ordem em que Sol chegava e passava, os índios agora nivelavam suas armas para matar o pássaro doido.

"Ah, essa é boa, Drago," Ira Osmum gritou, os índios querem lutar."

"O que é bom nisso?"

"É natural lutar contra índios."

"É?"

"Sim."

"Não diga!"

"Meu avô se orgulharia de nós agora."

"Ele lutou contra os índios?"

"É claro que lutou. Somente durante uma pequena parte do tempo em que os brancos estiveram por aqui é que eles não combateram índios."

"As lutas têm sido penosas para os índios."

"Pode ser, Drago, mas isso é natural."

"Por quê?"

"Porque as pessoas naturalmente têm medo de estranhos. Chama-se xenofobia. Quando você não segue sua natureza, você se complica. Você reprime seus instintos naturais e isso é perigoso. Esse é o problema desse país."

"É? Isso é o que eu gostaria de saber."

"Não há nada de errado em atirar em índios."

"Isso é o que eu gostaria de saber."

"É natural."

"Não, Seu Osmun, tem algo errado."

"O que é?"

"Os índios estão respondendo ao fogo."

Ira Osmun inclinou o helicóptero para cima e para longe. "Pegue o rifle. Cuidaremos dos índios."

"E a águia?"

"Primeiro temos que cuidar dos índios que estão atirando em nós. E daquela garota que está atirando em nós."

"Ela é louca?"

"Por que mais ela estaria mantendo relações sexuais com os índios?"

"O Senhor quer dizer fodendo eles?"

"Sim."

"Ela poderia ter várias razões. Nós nem sabemos se ela fode eles. Talvez nós estejamos fodendo os índios."

"Drago, nós já discutimos isso antes e decidimos que Mary-Forge estava."

"E daí, se ela está?"

"Drago, você não consegue decidir sobre nada. Você está sendo neurótico. Quando você não entende porque está fazendo algo, você está sendo neurótico."

"Estou?"

"Sim, pegue o rifle."

"Eu ainda acho que é problema dela, se ela é louca por índios, águias, contra barragens — qualquer coisa."

"Mas não se ela atira em nós por causa disso. Isso é neurótico."

"Aí o senhor está certo, Seu Osmun."

"Pegue o rifle."

"Certo."

"Você sabe, Drago, as pessoas, principalmente as pessoas que gostam de índios, estão reprimindo uma necessidade de matá-los. Chama-se relação de amor e ódio."

"É? Pode parar de falar agora, Seu Osmun, Eu já disse que vou pegar o rifle."

Abaixo do helicóptero que circulava no brilho de machucar os olhos do dia novomexicano, Mary-Forge dizia aos índios que o helicóptero voltaria, que os fazendeiros não combateriam a águia enquanto os índios estivessem atirando neles. Os fazendeiros não farão o mesmo erro que Custer fez."

"E qual foi?"

"Lutar em duas frentes. Custer atacou os Sioux antes de acabar com Touro Sentado. Nós somos os Sioux."

"Somos? isso é legal," o Navajo Touro Que Olha Para o Alto disse: "Quando terminamos essa aula?"

"Nunca terminamos," Lucy-Lucy disse.

"Protejam seus rabos atrás daquelas rochas!" Mary-Forge gritou. "Aí vem eles."

O helicóptero passou e salpicou as rochas de tiros de rifle M-16 automático.

"Isso deve ensinar àquela professora que temos mais poder de fogo do que eles, Drago." Ira Osmun disse: "Agora podemos pegar a águia."

A águia dourada Sol ascendia em espirais mais uma vez, suas asas firmes, selvagens, seguras na quietude gloriosa e arrebatadora da manhã azul azul do Novo México, uma águia dourada contra o azul, uma espécie de heliográfico, uma jóia flamejante no mar do perfeito céu novomexicano. A águia dourada, recapitulativa, perdida e então achada enquanto voava firme e ascendia na luz etilhada, pretenciosa e bela, seguida pelo pássaro de lata.

Sol sabia que precisava ganhar altura novamente. Todo o poder de manobra residia em ficar acima do pássaro de lata. Ele sabia também, e por experiência, que o pássaro de lata só podia subir até certa altura. Ele sabia também, e por experiência, que a corrente de ar que o sustentava podia ceder de repente, sem aviso. Ele sabia também, e por experiência de várias batalhas com o pássaro de lata, que o inimigo era rápido e podia cuspir coisas que podiam causar

dor e então matar. Tudo isso ele sabia por experiência. Mas o pássaro de lata estava aprendendo também.

O pássaro de lata arrancou para cima atrás da águia dourada. A águia dourada Sol perambulava e ascendia, como se procurando e perdida. Uma investida final, porque agora, sempre até agora, ninguém matava tudo que se movesse. Você sempre tinha uma chance. Agora não havia chance. Logo não haveria mais Sol.

"Lembre-se, Drago, eu tenho que ficar longe dele ou acima dele — ele pode nos levar com ele. A última vez, quando pegamos sua companheira, ele quase nos levou com ele. Eu mal consegui me safar quando ele atacou os rotores — quando os rotores se forem, nós vamos, Drago — nós caímos como uma pedra, nos despedaçamos como um copo de vidro. Eles vão juntar você com uma pá."

"Quem?"

"Aqueles índios lá embaixo."

"Seu Osmun, eu não quero jogar esse jogo."

"Você quer salvar as ovelhas, não quer?"

"Não."

"Por que não?"

"Eu não tenho ovelha nenhuma para salvar."

"Você não precisa ter ovelha nenhuma, você não tem filhos. Mas você tem orgulho."

"Não sei."

"Então atire quando eu mandar e adquira algum."

"Não sei."

"Você quer que as águias tomem conta do país?"

"Não sei."

"Águias e índios uma vez controlaram todo este país, Drago; você não podia expor um bebê ou um cordeiro no tempo do meu avô sem que uma águia ou um índio o levasse. Agora temos progresso. Civilização. Isso significa que um homem é livre para cuidar dos seus negócios. Construir uma barragem em plena Nação Indígena. Barcos a motor. Varoom, varoom, varoom! Essa é a música do progresso, Drago."

"É?"

"O único índio dessa parte da reserva que conseguiu uma educação de verdade foi Thomas Charles. Ele será uma honra para sua raça e sua nação."

"Será?"

"Sim, agora que temos os índios sob controle, não podemos largá-los, Drago."

"Não podemos?"

"Não, isso seria deixar na mão as pessoas civilizadas. Seria deixar na mão o meu avô. O que eu diria a ele?"

"O Senhor vai ver o seu avô?"

"Não, ele está morto. Nós também estaremos mortos, Drago, se você não atirar. A águia vai nos jogar lá embaixo e aqueles índios vão nos juntar com uma pá de lixo. Você não quer isso, quer?"

"Não sei."

"Melhor descobrir logo, ou jogo você deste pássaro doido eu mesmo."

"O Senhor faria isso?"

"Alguém tem que viver, Drago. A águia não quer viver."

"Por que os Senhor diz isso?"

"Esta águia sabe que estamos atrás dela. Ela sabe que a pegaremos; ela podia ter ido embora desse território. A águia podia ter voado para o Canadá. Ela estaria protegida lá."

"Talvez a águia pense que esse território é seu."

"Não, este é um território civilizado. Você vai atirar na águia?"

"Não."

"Eu gosto da águia e do índio tanto quanto qualquer outro homem, Drago, mas um criador de ovelhas tem que tomar partido. São minhas ovelhas ou as águias e os índios. De que lado você está?"

"Acho que do lado deles."

O helicóptero estava bem mais leve agora sem Drago. O helicóptero estava mais fácil de manobrar e conseguia ganhar da águia.

Ira Osmun continuava a conversar com Wilson Drago como se ele ainda estivesse ali. Wilson Drago era um dos pastores de ovelhas de Ira Osmun e deveria ter-se interessado mais ativamente pelas ovelhas.

"Da maneira que eu vejo, Drago, se você não me defendesse, a águia nos derrubaria a ambos. Foi só um empurrãozinho que eu lhe dei, quase um toque porque você estava inclinado para fora. Tornando a aeronave mais leve você fez uma pequena contribuição para minhas ovelhas. Para a civilização. Nós todos fazemos o que podemos, Drago, e você contribuiu o seu pouco. Se há uma coisa que eu não consigo suportar é um inimigo entre as minhas ovelhas."

O helicóptero continuou a subir atrás da águia, agora mais leve e rápido, com mais alarde e interesse na perseguição.

Os índios na terra ficaram admirados ao ver o homem branco descer. Outro desistente. "Pobre velho Wilson Drago. Nós o conhecíamos bem. Outro homem que não aguentava o progresso, barragens, civilização. Muitas vezes Drago atirou em nós quando roubávamos ovelhas. Nós sabíamos que qualquer um podia desistir, mas não Wilson Drago. Mostra a vocês como está ficando difícil na reserva branca. Eles estão matando uns aos outros. Logo não haverá nada, exceto índios."

"Bom dia, Índio."

"Bom dia, Índio."

"Está um belo dia. Você percebeu que não há nada exceto nós, índios?"

"E uma águia."

Os índios estavam fazendo esses estranhos comentários sobre os restos do corpo do melhor dos pastores de ovelha, Wilson Drago.

"Eu nunca pensei que ele faria isso." Hosteen Begay disse.

"A última vez que o vi Bêbado em Gallup, pensei que estava se desmanchando, mas isso é uma surpresa," Mais Turquesa disse.

"Eu sabia que ele tinha isso tudo dentro dele, mas nunca pensei que tudo saísse de uma vez só," Chee Soniginee disse.

"Eu não acho seu escalpo. O que você acha que ele fez com ele? Será que escondeu?" Mata o Inimigo disse.

"O outro homem branco pegou," A Irmã De BeLas Mãos disse.

"Aposto que pegou," Lucy-Lucy disse.

"Eles não se importam mais com os índios."

"Não, quando caem em cima de você nem trazem mais seu escalpo."

"É como se eles não confiassem mais num índio," Tom Charlie disse.

"Por favor, por favor," Mary-Forge disse. O homem está morto."

"Homem? Homem? Eu não vejo homem algum, só um monte de sangue e merda."

"Bem, há um homem, ou havia."

"Bem, não há nada agora," Tzo disse, "nem um maldito escalpo."

"Bem, Drago está no céu do homem branco," Hosteen Begay disse. "Nas ruas de ouro cuidando de seu rebanho."

"E atirando nas águias."

"Drago está subindo, subindo ao céu do homem branco, muito mais alto do que este, como-se-chama...?"

"Helicóptero."

"... pode subir."

"Eu não gosto de todo esse sacrilégio," Mary-Forge disse. "Lembrem-se que eu sou cristã."

"O quê?"

"Eu fui criada dentro da tradição cristã."

"Agora você está subterfugindo."

Ah esses índios, Mary-Forge pensou, como fui me envolver? E ela disse em voz alta: "Uma vez, há muito tempo, eu fui jovem e inocente."

"Escreva isso," Touro Que Olha Para O Alto disse.

"Melhor nós subirmos para um ponto mais alto da montanha," Mary-Forge gritou para os índios. "Ai, quando Osmun se aproximar da águia, poderemos atirar melhor."

"Okay, Professora."

"Só há um homem branco ainda vivo," ela disse.

"Eu acho isso encorajador, se verdadeiro," Sinoginee disse.